

OMS adota indicadores do Brasil para controlar hanseníase

07/08/2009

Agora MS

Detecção em menores de 15 anos será um dos novos parâmetros para combater a doença e antecipar o tratamento

O ministro da Saúde, José Gomes Temporão, comemorou a decisão da Organização Mundial da Saúde (OMS) de recomendar aos países que registram casos de hanseníase dois indicadores brasileiros como prioritários para o controle da doença. Os indicadores são a proporção de jovens abaixo de 15 anos entre os novos casos diagnosticados e os registros de pacientes com alto grau de incapacidade provocada pela enfermidade, como deformações no corpo. Com a recomendação da OMS, esses indicadores passam a ser importantes para controlar a doença em outros lugares do mundo, como já é feito no Brasil.

Embora já sejam conhecidos pelos países onde a hanseníase é endêmica, ou seja, com transmissão ativa, essas normas não eram consideradas prioritárias, sendo mais importante a avaliação do coeficiente de prevalência, que é a proporção de casos em relação a cada grupo de 10 mil habitantes.

A recomendação da OMS é motivo de orgulho para o Programa Nacional de Controle da Hanseníase, pela pujança e qualidade do trabalho desenvolvido, afirmou Temporão ao abrir, anteontem (4), a Reunião Anual de Hanseníase, em Brasília. O evento, encerrado nesta quinta-feira, reuniu coordenadores e parceiros dos programas nacional, estaduais e municipais de controle da doença para discutir a atenção integral ao portador de hanseníase.

Precocidade - Os dados dos dois indicadores prioritários recomendados pela OMS e já em uso no Brasil servem para avaliar a precocidade ou não do diagnóstico realizado no paciente, além de orientar ações para aprimorar a vigilância da enfermidade, o que faz reduzir o número de casos.

No caso da detecção de novos casos em jovens, o indicador permite monitorar o índice de transmissão da doença em anos recentes. Isso porque quando há notificação da doença em pessoas com menos de 15 anos o dado revela que adultos que convivem com os menores estão transmitindo a hanseníase e não tem diagnóstico e, portanto, não recebem o tratamento e mantém ativa a cadeia de contaminação.

Quanto ao percentual de casos com grau de incapacidade 2, o dado mostra o diagnóstico tardio, o que aponta para a necessidade de aumentar a busca ativa de casos novos. Isso feito, o tratamento deve ser iniciado imediatamente, o que também reduz a transmissão da doença para outras pessoas.

A evolução da doença é dividida em três graus: 0, sem alterações; 1, para os que apresentam insensibilidade nos olhos, pés e mãos; e 2, quando o paciente já desenvolveu deformidades, como alteração nas pálpebras, mão em garra, pé caído e ferimentos.

Situação No quadro geral, o número de casos novos de hanseníase no Brasil caiu 23% entre 2003 e 2008. A melhoria da atenção à saúde, principalmente na rede básica, é apontada como um dos motivos para a queda na detecção de novos registros da doença. Em 2003, o total de notificações foi de 51.941. Já em 2008, o total caiu para 39.992. O recuo foi ainda mais significativo na população com menos de 15 anos, com índice de queda de 28,6% (4.181, em 2003, contra 2.910, em 2008).

Um dos estudos do Ministério da Saúde sobre a situação epidemiológica da hanseníase aponta que os novos casos da doença estão concentrados em 1.173 municípios brasileiros, principalmente nas regiões Norte, Centro-Oeste e Nordeste, que registraram 53,5% dos casos novos detectados entre 2005 e 2007.

Em termos populacionais, os municípios avaliados concentram 17,5% dos residentes no país. O foco na detecção precoce da doença contribui para a melhora dos indicadores. Para prevenir e controlar a hanseníase, é necessário implementar ações educativas, em parceria com estados e municípios. Para tanto, o Ministério da Saúde tem coordenado ações junto aos gestores locais para que as medidas sejam implementadas.

Entre 2001 e 2008 foram diagnosticados 370.162 casos novos da doença no Brasil, o que dá uma média de 46.270 casos por ano.

Mais Saúde - Entre as metas pactuadas no Mais Saúde para o período de 2008 a 2011 estão a redução de 10% no coeficiente de detecção de casos novos em menores de 15 anos, a cura de 90% dos casos diagnosticados, exame de pelo menos 50% dos contatos domiciliares e avaliação do grau de incapacidade de 75% dos novos casos.

Desde o início do governo Lula, o Ministério da Saúde aumentou de R\$ 7 milhões para R\$ 14 milhões o orçamento do programa para controle da hanseníase.

Para saber mais sobre a doença

A hanseníase é uma doença infecciosa que atinge a pele e os nervos dos braços, mãos, pernas, pés, rosto, orelhas, olhos e nariz. O tempo entre o contágio e o aparecimento dos sintomas é longo. Pode variar de 2 a até mais de 10 anos. A hanseníase pode causar deformidades físicas, que podem ser evitadas com o diagnóstico no início da doença e o tratamento imediato. Os primeiros registros da hanseníase datam de 600 a.C. na Ásia, que, juntamente com a África, pode ser considerada o berço da doença.

Os principais sintomas são manchas na pele com perda ou alteração de sensibilidade, áreas de pele seca e com falta de suor, sensação de formigamento, dor e sensação de choque, fisgadas e agulhadas ao longo dos nervos dos braços e das pernas, diminuição da força muscular, úlceras e nódulos no corpo, entre outros.